

BARBARA TAYLOR BRADFORD

UMA CARTA INESPERADA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

SIMÃO SAMPAIO

ASA

ÍNDICE

PRÓLOGO	
Istambul, Abril de 2004	9
PRIMEIRA PARTE	
A Carta	13
SEGUNDA PARTE	
A Busca	65
TERCEIRA PARTE	
A Reunião	115
QUARTA PARTE	
<i>Coup de foudre</i>	175
QUINTA PARTE	
O Mistério	231
EPÍLOGO	
Colinas de Litchfield, Connecticut, Julho de 2004	425
Agradecimentos	429
Bibliografia	431

PRIMEIRA PARTE

A CARTA

Leiam-no uma centena de vezes; ele conservará a sua frescura para sempre, como as pétalas conservam a sua fragrância. Nunca perderá a sua natureza de algo que surgiu inesperadamente.

Robert Frost: *The Figure a Poem Makes*

A vista panorâmica da varanda do segundo andar era de cortar a respiração. Embora a conhecesse bem, Justine Nolan ficava maravilhada sempre que se deparava com ela, mesmo que fosse depois de uma curta ausência, e aquele dia não constituiu exceção.

Encostou-se à balaustrada de madeira pintada de branco a admirar a vastidão das colinas de Litchfield que se estendiam em direção ao horizonte longínquo. As encostas ricamente arborizadas davam lugar a prados verdejantes; ao fundo, o lago Waramaug, nas profundezas do vale, brilhava ao sol como um grande retalho cortado de uma peça de seda. Como de costume, Justine respirou fundo, saboreando o prazer intenso que sentia sempre que regressava a Indian Ridge, a casa onde crescera e passara a maior parte da sua vida.

Estava um dia límpido e luminoso, com o céu azul e poucas nuvens, mas havia uma espécie de aspereza no vento, um toque de inverno ainda, e estava frio para abril.

Estremecendo, Justine apertou o casaco vermelho de malha grossa em volta do corpo enquanto continuava a absorver aquela vista... as casas brancas de madeira, tão típicas do Connecticut, que pontuavam aqui e ali alguns dos prados, e, à direita, com uma mata de árvores verde-escuras como pano de fundo, três silos e dois celeiros vermelhos agrupados num campo distante. Estavam ali desde que se lembrava e constituíam uma visão agradável, familiar.

De repente, um bando de pássaros passou perto dela, invulgarmente próximo da balaustrada, e Justine pestanejou, sobressaltada. Subiram numa formação em V perfeita e muito bela. O olhar dela acompanhou-os e, depois de os ver erguerem-se cada vez mais alto na extensão de azul, virou-se e entrou em casa.

Pegou no seu saco de fim de semana, que largara no patamar minutos antes, levou-o para o seu quarto e começou imediatamente a esvaziá-lo, a tirar camisolas, calças, sapatos, o saco dos produtos de higiene. Desde a infância que era organizada, muito metódica nos seus hábitos, e fazia parte da sua natureza ser arrumada. Detestava a desordem, que evitava a todo o custo.

Olhou em volta, sorrindo para consigo, e sentiu-se invadida por uma súbita onda de felicidade. Gostava tanto daquele quarto, de toda a casa... alguns dos seus tempos mais felizes tinham sido passados ali, em Indian Ridge, em especial quando o pai ainda estava vivo. Ela e o irmão gémeo adoravam-no.

Era bom a mãe ter mantido a casa e ela e o irmão Richard poderem continuar a usá-la, tanto aos fins de semana como durante longos períodos no verão. Era o refúgio de ambos, um porto seguro e um lugar onde podiam repousar das vidas frenéticas que levavam em Nova Iorque.

No último mês, Justine não tinha saído de Manhattan, ocupada como estava com a última fase do seu mais recente documentário sobre Jean-Marc Breton, o maior artista vivo do mundo, a supervisionar a montagem com o realizador e o editor do filme. Tinha sido árduo – noites e dias a trabalhar sem descanso; horas e horas de tensão, stresse, ansiedade, surpresas boas e más, alguma fricção e umas quantas deceções. Mas quando, não sem algum nervosismo, assistiram à versão final, rejubilaram. O filme, que se revelou problemático logo desde o primeiro dia de rodagem, devido ao temperamento e à atitude ditatorial do biografado, acabou por sair bem. Muito, muito bem, na verdade, para alívio de todos.

Agora Justine só pedia que o canal de televisão achasse o mesmo quando fosse projetá-lo para eles na semana seguinte. Miranda

Evans, a diretora de documentários da Cable News International, ia vê-lo com total imparcialidade, o que agradava bastante a Justine e à sua equipa. Miranda não levava preconceitos nem ideias preconcebidas para a sala de projeções, razão pela qual Justine confiava no seu juízo. Essa isenção era uma qualidade rara. Miranda tinha acreditado nela desde o primeiro minuto e financiara quase na totalidade o documentário *Diamantes de Sangue*, outro tema controverso.

De repente, sentiu-se inquieta. Respirou fundo e afastou a sua ansiedade. *O filme era excelente, e aquela era a versão final. Ponto final parágrafo.*

Sacudiu a cabeça, fez uma careta, desejou ser capaz de esquecer os projetos assim que estavam terminados. Mas não era; levava sempre algum tempo a iniciar outro. Nessas alturas entrava automaticamente num modo diferente, com uma sensação de vazio, ansiedade e perda.

Falara nisso a Richard na noite anterior e ele desatara a rir, percebendo perfeitamente o que ela queria dizer. Ela e o seu irmão gêmeo eram tão parecidos. Richard bem lhe disse que ela ia a casa restabelecer-se mental e fisicamente e quando estivesse bem repousada não tardaria a ter a cabeça a fervilhar de ideias novas e interessantes. E com isso, num tom quase de provocação, terminou a conversa que estavam a ter ao telefone.

Ele tem razão, claro, concluiu Justine, enquanto saía do quarto e descia as escadas. Ninguém me conhece melhor do que ele e eu própria conheço-o como a palma da minha mão. Sentiu uma pequena onda de tristeza percorrê-la quando pensou na mulher de Richard, Pamela, que morrera de cancro dois anos antes.

Para o mundo exterior, Richard era calmo, forte e estoico, controlado, mas *ela* sabia como o coração do irmão sofria por dentro. Fizera os possíveis por não perder o controlo e seguir em frente com determinação, por causa da filha de cinco anos, Daisy. Justine tentava tomar conta dos dois naquele fim de semana: ser uma mãe para ela e uma amiga dedicada para ele.

Ao fundo das escadas, Justine virou para a direita e dirigiu-se a uma pequena sala de estar que dava para o relvado e que ela usava também como escritório, sobretudo para tratar de questões relacionadas com a casa e a contabilidade doméstica.

Tinha lá deixado Daisy quando chegaram de Nova Iorque, meia hora antes, e a sua sobrinha continuava sentada à secretária com a caixa de lápis de cera e o livro de colorir aberto à sua frente.

Kim, a ama, estava de folga nesse fim de semana e Tita, uma das empregadas, debruçava-se sobre ela, encorajando-a a usar quantas cores quisesse.

– Todas as cores do arco-íris – dizia ela numa voz meiga.

O sol da tarde jorrava para dentro da divisão e os caracóis louro-claros de Daisy refletiam a sua luz. Que bonita que ela é, pensou Justine, adorável em todos os aspetos, é tão difícil não a estragar com mimos.

Justine não pôde deixar de sorrir ao ver a ternura com que Tita ajudava Daisy. Tita e a irmã, Pearl, gostavam de Daisy como de uma filha, o que, de certo modo, ela era. As duas mulheres viviam e trabalhavam em Indian Ridge há anos e já faziam parte da família.

Justine e Richard tinham crescido com elas e gostavam do modo como ambas tratavam da casa, da galeria e dos estúdios deles, sempre impecáveis. Achavam uma sorte poderem contar com Tita e Pearl; Richard dizia mesmo que elas eram o sal da Terra.

Justine entrou e perguntou:

– O que estás a colorir, Daisy?

Daisy e Tita viraram-se assim que ouviram a voz de Justine e a criança explicou:

– É uma jarra com flores, tia Juju.

– Sai ao pai – comentou Tita com um sorriso. – Tem o mesmo talento que ele quando era pequeno.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Justine, que em seguida disse, a rir:

– Ao contrário de nós as duas! Não éramos lá muito boas pintoras, pois não? Eu só fazia borrões gigantes.

Tita acompanhou as gargalhadas dela:

– Também eu, quando acabava havia mais tinta na minha roupa do que na tela.

Daisy, de olhos fixos na tia, perguntou:

– Quanto custa lá ir?

– Ir onde, querida?

– Ao *Céu*. Quero dar este desenho à mãe. É para ela. Tenho uma data de moedas no meu porquinho. Devem ser uns dez dólares. É um mealheiro grande.

Justine ficou uns instantes sem conseguir falar. De repente sentiu a garganta entupir-se. Engoliu várias vezes e finalmente foi capaz de dizer:

– É um bocado mais do que isso, parece-me.

– Oh – Daisy assentiu com a cabeça e franziu os lábios: – Então tenho de arranjar mais moedas. Vou guardar o desenho e dou-lhe mais tarde. Quando juntar muito dinheiro.

– Isso mesmo. – A voz baixa de Justine estava rouca. Para seu alívio, Daisy regressou ao livro de colorir e voltou a inclinar a cabeça loura, concentrada.

As duas mulheres olharam uma para a outra.

Tita estava quase a chorar, uma expressão aflita nos olhos escuros. Mordeu o lábio inferior num esforço para se controlar.

Justine aclarou a garganta e disse:

– Anda, Tita, vamos tratar do piquenique de amanhã.

– Um piquenique! – a criança endireitou a cabeça, com os olhos azul-claros a brilhar: – No *barcalhão*?

– *Pavilhão*, querida – corrigiu Justine num tom suave. – Sim, vai ser lá, se estiver bom tempo. E sabes uma coisa? Também vem a tia Jo, e traz o Simon.

– Oh, que bom, o Simon é o meu melhor amigo.

– Se precisares de alguma coisa, estamos na cozinha, Daisy.
Justine fez um sinal a Tita, que saiu quase a correr à sua frente; Justine seguiu-a, preocupada.

Tita estava agarrada ao lava-louça, ainda a combater as lágrimas. Justine atravessou depressa a cozinha, percebendo perfeitamente o que ela estava a sentir. Envolveu Tita com os braços e apertou-a contra si:

– Eu sei, seu sei, é horrível. Algumas das coisas que ela diz deixam-me sem respiração, fico despedaçada, e o Richard também. Mas de repente ela fica toda animada, sabes bem, Tita. Sobretudo se estiver distraída. E esquece.

– Sim... mas sofro por ela. É mais forte do que eu.

– Temos de mantê-la ocupada, Tita. Olha como ela reagiu quando falei no piquenique e no Simon. E aprendi muito com a Kim, que lhe preenche os dias com atividades, mantém-na sempre ocupada depois da escola. Temos de fazer o mesmo este fim de semana, como fazemos há dois anos, vendo bem.

– Eu sei, eu sei... – Tita endireitou-se, respirou fundo, recompôs-se e disse: – Vou pôr a chaleira ao lume. Para bebermos um chazinho.

– Boa ideia – Justine sorriu a Tita e apertou-lhe o braço. – Vai correr tudo bem.

Tita fez que sim com a cabeça e foi encher a chaleira.

Justine foi até à lareira e parou diante dela, a olhar em volta. A cozinha era uma divisão reconfortante, quente e convidativa, uma das suas preferidas naquela casa. As panelas e os tachos de cobre pendurados no suporte preso ao teto cintilavam, brilhantes. Por entre os tachos pendiam réstias de cebolas e alhos, ramos de alfavaca e tomilho, chouriços e salames, conferindo à cozinha um ar provençal.

Tinha sido sempre o coração da casa, onde toda a gente se juntava, porque uma parte estava mobilada como se fosse uma sala de estar. Junto à lareira havia um sofá, poltronas de orelhas, um aparelho de televisão e um louceiro, e uma grande mesa de madeira,

para dez pessoas sentadas, dividia o espaço: atrás dela ficavam as bancadas e os eletrodomésticos do costume. Com o seu chão de tijoleira, paredes cor de pêssego e tecidos às flores, a cozinha tinha um ambiente cativante e acolhedor.

O telefone começou a tocar e Justine correu para a pequena escrivaninha colocada num canto, perto da lareira. Pegou no auscultador.

– Indian Ridge – disse e sentou-se imediatamente na cadeira quando ouviu a voz da sua interlocutora.

– Olá, Ellen.

– Olá, Justine. Aposto que chegaste em tempo recorde.

– Pois foi. Que aconteceu?

– Não foi nada. Acabei de receber um telefonema da assistente da Miranda a dizer que ela quer ver o filme na terça-feira às quatro da tarde e não na quinta de manhã. Eu respondi que estava bem, mas que ia confirmar contigo. Não tens nada marcado.

– Tenho uma semana bastante livre, eu sei. Portanto pode ser, mostramos o filme quando a Miranda quiser.

– Vou confirmar com a Angie. Está tudo a correr bem por aí, espero.

– Sim. Estou aqui com a Tita e a Daisy está entretida a fazer desenhos. Ainda não vi a Pearl, que foi ao mercado, e o Carlos e o Ricardo devem estar na cumeeira, a trabalhar no projeto do Richard.

– A casa de hóspedes.

– Que não faz falta nenhuma. Mas é bom para ele, Ellen, porque lhe dá que fazer. Anda com a cabeça ocupada e não pensa noutras coisas.

– Ainda não ultrapassou o desgosto – murmurou Ellen. – Quem me dera conhecer alguém interessante para lhe apresentar.

– Não estaria interessado, infelizmente – respondeu Justine. – Seja como for, assim volto na terça-feira de manhã e não na quarta. Bom fim de semana, Ellen.

– Para ti também.

Quando pousou o auscultador, Justine não fazia ideia de que o seu mundo e o de Richard estavam prestes a mudar para sempre.

Nessa mesma tarde, enquanto Daisy dormia a sesta, Justine foi até à pequena sala de estar e sentou-se à secretária. Não levou muito tempo a abrir a correspondência que se acumulara durante o mês em que nem ela nem Richard tinham saído de Nova Iorque.

A maior parte era lixo, que ela não tardou a deitar fora; depois verificou as contas, juntou-as e prendeu-as com um clipe, deu uma vista de olhos a meia dúzia de convites para eventos locais e separou-os também.

No fim da pilha havia um envelope branco e quadrado, de um papel que lhe pareceu estrangeiro. Europeu, sem dúvida, pensou, e pegou nele.

Justine viu logo que se destinava à sua mãe, Deborah Nolan, e que tinha o carimbo dos correios de Istambul. Quem é que a mãe dela conheceria numa cidade como Istambul? Por outro lado, *como* haveria *ela* de saber? A sua mãe tinha amigos por todo o mundo. Olhou para as costas do envelope, mas não viu o nome nem a morada do remetente. Estudou-o mais algum tempo, a pensar que podia muito bem ser um convite, a julgar pela forma e pelo tamanho. Franziu a testa, sem saber se havia de abri-lo ou não. Oito anos antes, a sua mãe tinha ido viver para a Califórnia, deixando-lhes o usufruto da casa. Deu-lhes poucas instruções: conservem-na em

bom estado, paguem as contas e enviem-me as cartas relacionadas com assuntos jurídicos.

A combinação funcionou bem desde o início. A mãe pagava o imposto predial todos os anos e eles tratavam das despesas de conservação e dos salários da família chilena que continuou a ajudá-los a gerir Indian Ridge – Tita, a sua irmã Pearl, Carlos, o marido de Pearl, e o pai dele, Ricardo.

Mas agora, pela primeira vez em oito anos, ali estava uma carta pessoal. Justine encolheu os ombros, pegou no abre-cartas, abriu o envelope e retirou a carta.

Reparou no nome gravado no topo da folha de papel, um nome que nunca ouvira antes, e começou a ler.

ANITA LOWE

Querida Deborah:

Há muito tempo que quero escrever-lhe, mas infelizmente não tenho tido coragem. No entanto, não posso adiar mais esta carta. Não me conhece. Cheguei a ir a Londres visitá-la quando era bebé, mas decerto não se recorda. Sou a maior amiga da sua mãe, e também a mais antiga, e escrevo-lhe porque estou muito preocupada com ela. Há anos que vive amargurada e infeliz por causa desta vossa separação. Ultimamente parece-me ainda mais melancólica e num sofrimento a que me é insuportável assistir.

Ela tem saudades suas, e da Justine e do Richard. Ama-os muito, tal como a ama a si. Vocês são a sua única família.

Não posso deixar de lhe perguntar, Deborah, por que razão a ignora? Não compreendo o seu comportamento em relação à sua mãe. De certeza que não aconteceu nada que não possa ser reparado. Seja qual for o motivo desta zanga, tem de lhe pôr fim imediatamente, antes que seja tarde de mais, antes de ela morrer. Afinal, ela está quase a fazer oitenta anos, como sabe. E portanto peço-lhe que procure a sua mãe, que entre em contacto com ela, que a deixe voltar a fazer parte da sua vida e das vidas dos netos.

*Está nas suas mãos, e só nas suas, pôr fim à sua vida de sofrimento,
de desgosto.*

Os meus mais sinceros cumprimentos,

Anita Lowe

Justine ficou sem palavras. Continuou, imóvel, a olhar para as palavras que acabara de ler, sentindo as placas tectónicas da Terra a separar-se sob os seus pés. O choque foi tremendo. Reparou que a mão que segurava a carta estava trémula, e depois apercebeu-se de que toda ela tremia. Mal podia acreditar no que acabava de ler. A sua avó ainda estava viva? Como era possível? O que queria aquilo tudo dizer?

Respirou fundo, pousou a carta em cima da secretária e tentou controlar a impressão de que estava a balouçar. Ao fim de uns minutos conseguiu acalmar-se e inclinou-se para voltar a ler a carta, desejando absorver cada palavra... a revelação era tão extraordinária que nem respirar conseguia.

A sua avó ainda estava viva.

Por conseguinte, a mãe tinha-lhes contado uma mentira terrível e perversa dez anos antes. Ela dissera-lhes que Gabriele Hardwicke, a mãe de Deborah, morrera subitamente num desastre de avião.

A mente de Justine começou a fervilhar. Seria a carta genuína? Ou uma brincadeira de mau gosto? Como era possível? Só se alguém quisesse arranjar problemas. Mas porquê? Com que finalidade? A carta fora escrita para a mãe deles e parecia mesmo verdadeira. Pronto, era genuína, disso ela não tinha a menor dúvida.

Depois, inesperadamente, sentiu-a. Uma vaga de alegria. *A avó está viva.* Pestanejando para afastar as lágrimas, Justine fitou o carimbo postal. A carta fora posta no correio no início de abril. Entretanto o tempo tinha passado e já não faltava muito para o fim do mês. Há três semanas que a carta estava à sua espera, em cima daquele tabuleiro de laca. Ninguém respondera a Anita Lowe. Pensando melhor, como é que alguém podia responder? O envelope não tinha remetente. E onde é que estava a sua avó? Em Londres?

Ou estaria em Istambul? E por que motivo aquela mulher não tinha dado mais informações sobre o paradeiro da sua avó? Porque achava que Deborah sabia muito bem onde estava a mãe. Era essa a razão, obviamente. O que a levou de volta à mentira da sua mãe.

Dez anos antes, no dia em que terminaram o ensino secundário, Deborah explicou-lhes por que razão a avó não tinha podido assistir à cerimónia. Enquanto eles estavam ocupados com os exames finais, Gabriele viajara num avião particular que se despenhara na Grécia. Ninguém sobrevivera, e não haviam sido encontrados quaisquer corpos.

Justine fechou os olhos, recuou no tempo e recordou com nitidez as palavras da mãe: «Não vos falei da morte da avó porque não quis perturbar nem um nem outro, estavam ambos sob uma enorme tensão...»

Mas isso não era verdade... vinha agora aquela carta dizer. E a avó que ambos adoravam estava viva algures. A sua querida avó, que passara tantas temporadas lá em casa e desempenhara um papel tão importante nas suas vidas.

De acordo com Anita Lowe qualquer coisa tinha afastado a mãe e a avó. O quê? Seria muito terrível? Devia ser, visto que durava há dez longos anos. Tantos dias, horas, semanas, meses *perdidos*. Pelo amor de Deus, *porquê?* Justine não sabia responder.

Revoltada contra a mãe, Justine estendeu automaticamente a mão para o telefone, disposta a confrontá-la; mas logo a seguir a mão deslizou-lhe do auscultador. A sua mãe não se encontrava em Los Angeles. Tinha viajado até à China três dias antes, para comprar artigos para o seu negócio de decoração. Da China seguiria para Hong Kong e só regressaria dentro de seis semanas. Não podia telefonar-lhe naquele momento. A diferença horária não o permitia.

Olhou para o relógio. Eram quase três e meia. Ainda faltava uma hora para Richard chegar de Nova Iorque. Precisava de falar com ele; tinham de traçar um plano... a primeira coisa a fazer era encontrar a avó. Antes que fosse tarde de mais.

*

No pequeno *hall* das traseiras, Justine puxou pela velha capa de lã verde-escura da avó que estava pendurada no cabide, pô-la aos ombros e saiu. Precisava de refletir, de se acalmar antes que o irmão chegasse.

Momentos antes estivera prestes a ligar para o telemóvel de Richard, mas depois tinha mudado de ideias. Achava que devia dominar o seu impulso de ir a correr contar-lhe aquela notícia arrasadora. Era assim que eles procediam, o *modus operandi* que adotavam desde sempre.

Sendo gémeos, eram inseparáveis, havia um vínculo especial entre eles, uma ligação emocional e um laço que não lhes era exclusivo. Passava-se o mesmo com todos os gémeos. Mas naquela tarde sentiu que *tinha* de esperar que ele chegasse, para poder mostrar-lhe a carta e discutir tudo pessoalmente. Juntos haveriam de chegar a um plano de ação, estava certa. Toda a vida tinham formado uma excelente equipa.

Atravessou o pátio das traseiras e subiu a escada de madeira pintada de branco embutida na encosta. Via-se que Carlos, o marido de Pearl, a tinha pintado recentemente, pois ela brilhava ao sol. Dez degraus levaram-na até um patamar amplo onde, à esquerda da colina, havia um grande pavilhão, também pintado de branco, pronto para a chegada da primavera.

O pavilhão da sua avó.

Justine fez uma pausa e depois entrou. Fechou os olhos com força, a recordar os tempos felizes que ali tinham passado na infância. Abriu os olhos e olhou em volta, dando-se conta de que o paradeiro da avó era agora a sua maior preocupação. Não conseguia pensar em mais nada a não ser como estaria ela, agora que a sabia viva.

Saiu do pavilhão e continuou a subir os degraus até ao fim. A escada terminava diante de um relvado verde; logo a seguir ficava a galeria, originalmente construída pelo avô, depois renovada pelo pai e parcialmente remodelada pelo irmão, quatro anos antes.

A galeria era linda, toda em calcário e com dois pisos; alongada, simples, no entanto de uma arquitetura muito elegante, com um

estúdio de cada lado do edifício central. Ambos tinham paredes de calcário até ao meio com janelas de grandes vidraças em cima. Os estúdios faziam parte da galeria e toda a estrutura era encimada por um telhado verde de duas águas. Este era novo e fora desenhado pelo seu gêmeo, considerado um dos melhores arquitetos da época. Justine via nele um toque de inspiração. O telhado de telha verde parecia flutuar por cima da galeria e das «caixas» de vidro e havia uma unidade e uma fluidez maravilhosas no edifício, que tinha algo de europeu na sua conceção.

Justine entrou na galeria e acendeu as luzes, depois despiu a capa e colocou-a em cima de um pequeno banco corrido de madeira mesmo junto à porta. Como havia muitos quadros pendurados nas paredes da galeria, alguns bastante valiosos, o ar era permanentemente controlado e mantido à mesma temperatura durante todo o ano. A galeria era fresca e sossegada e Justine apreciava o espaço arejado, amplo, o teto abobadado, a serenidade e a paz que ali se respirava.

Devagar, atravessou a galeria, sem se concentrar em nenhum dos quadros, como por vezes fazia, movendo-se simplesmente com determinação no espaço vasto e branco. Richard desenhara uma divisória grande sobre rodas, a que chamava «parede flutuante» porque podia ser deslocada facilmente de um lado para o outro, levada para onde se quisesse. Colocara várias no centro da galeria, nas quais estavam pendurados alguns quadros de sua autoria, bem como obras de outros artistas. Justine caminhou por entre as divisórias com à-vontade, empurrando devagar uma ou outra sempre que necessário.

Segundos depois estava do outro lado da galeria e dirigiu-se ao canto, onde estavam expostos os quadros pintados pela sua avó. De repente parou e avançou para um deles em especial, que admirava há anos. Representava duas raparigas, provavelmente duas adolescentes, num prado cheio de flores, com uns montes verde-escuros ao fundo sob o céu azul. As meninas eram encantadoras com os seus vestidos de verão vaporosos, as saias a ondular em volta delas, o cabelo ao vento. Sabia, desde que se lembrava, que a rapariga mais

alta, loura de olhos azuis, era a sua avó, Gabriele. A outra sempre fora anónima, a sua identidade um mistério.

Tratar-se-ia de Anita Lowe?

Justine inclinou-se para a frente, para a tabela de madeira pregada ao lado do quadro. O título era *Amigas no Prado*. Por baixo lia-se o nome *Gabriele Hardwicke* e o ano em que fora pintado, 1969.

Inesperadamente, lembrou-se de uma coisa – do gosto da avó pelo detalhe, por manter registos de quase tudo.

Justine pegou no pequeno quadro, tirou-o da parede e levou-o para o estúdio de Richard, contíguo àquele extremo da galeria. Com cuidado, deitou-o ao contrário em cima de uma mesa desocupada e examinou as costas da tela. E lá estava ela, uma pequena etiqueta junto à moldura e amarelecida pelo tempo. Nela estava escrito «A & G: 1938». E a etiqueta estava fixa com um bocado de fita adesiva.

Gabriele pintara então aquilo de memória? E o «A» seria de Anita? Talvez. Não podia deixar de pôr essa hipótese, porque na carta Anita afirmava ser a melhor e mais antiga amiga de Gabriele. Portanto é natural que se tratasse da mesma pessoa, não é verdade? Mas de certo modo tanto fazia que a menina do quadro fosse ou não Anita. Porque a verdadeira Anita tinha falado, de forma eloquente e real, mais ou menos três semanas antes, quando por fim decidiu pegar na caneta, após hesitar em fazê-lo durante uma série de anos. Decidira finalmente ir em auxílio da amiga. E graças a Deus que o fizera. Vagamente, lá muito ao fundo da sua memória, Justine lembrava-se de ter ouvido a avó pronunciar o nome da sua melhor amiga... Anita.

Voltou a levar o quadro para a galeria, pendurou-o no seu lugar, depois recuou um passo e estudou-o durante alguns segundos. A outra rapariga tinha cabelo castanho, uns olhos escuros, vivos, e havia qualquer coisa de exótico nela. Perguntou-se porque nunca tinha reparado nisso... talvez porque costumava só ter olhos para a menina loura que era a sua avó, a cativante Gabriele. De repente teve a certeza de que a outra era Anita.

Regressou ao centro da galeria, onde o teto alto de catedral atingia o seu ponto mais elevado, e sentou-se numa cadeira de realizador em lona branca. O espaço fresco e branco, o silêncio e a esmagadora sensação de tranquilidade costumavam exercer nela um efeito calmante, e naquele dia com maior intensidade: uma serenidade perfeita envolvia-a. Fechou os olhos, a pensar na avó e na última vez que a tinha visto.

Estava absorta nos seus pensamentos quando o toque estridente do telefone a sobressaltou. Procurou o telemóvel no bolso do casaco e tirou-o.

– Está?

– Estou quase a chegar – disse Richard.

– Ainda bem. Onde é que estás?

– Que foi? Pareces esquisita.

– Não foi nada, onde estás?

– A sair de New Preston. Porquê?

– Quero que me faças um favor.

– Claro, o que é?

– Quero que venhas ter comigo à galeria, estou aqui à tua espera.

– Vou depois de cumprimentar a Daisy.

– Por favor, não faças isso, Rich! Tens de vir logo para aqui!

Aconteceu uma coisa e...

– O quê? Diz-me, que aconteceu?

– Ao telefone não posso. Rich, vem logo para aqui. *Por favor.*

– Está bem. Até já.

Impaciente, ansiosa pela chegada do irmão, Justine levantou-se e caminhou em direção ao estúdio envidraçado. Esperaria por ele ali mesmo. Ao aproximar-se do cubo de vidro um outro quadro chamou a sua atenção e foi examiná-lo. Ficou algum tempo a olhar para ele. Representava-a e ela e ao irmão e fora pintado por uma grande retratista nova-iorquina quando eles tinham cerca de quatro anos.

A mulher retratara-os muito bem. Eram tão parecidos, com os mesmos cabelos louros, as mesmas covas nas bochechas e os mesmos

olhos azul-claros. Sim, gémeos, sem dúvida, murmurou para consigo. E extremamente dependentes um do outro.

O pai deles tinha encomendado o quadro e adorava-o. Mas a mãe não. Na verdade, foi contra o quadro desde o princípio, antes sequer de ele ter sido pintado.

Lembrou-se perfeitamente da estranha reação da mãe e não pôde deixar de perguntar porquê. Que raio tinha ela contra o quadro? Não havia solução para esse mistério, pensou Justine. Mas Deborah Nolan já nessa altura era uma criatura estranha, e continuava a ser... uma desmiolada, uma excêntrica – por vezes completamente irresponsável. E uma mentirosa, disse para consigo.

Justine respirou fundo, virou costas ao retrato, entrou no estúdio de Richard e olhou em volta. Como sempre, estava impecavelmente limpo, graças a Tita, a Pearl e ao amor com que ambas cuidavam de Indian Ridge.

De repente ouviu o ruído de pneus a esmagar a gravilha. Não querendo esperar, saiu apressadamente do estúdio e quase correu da galeria à porta de entrada.

Um segundo depois Richard saía do carro e avançava na direção da irmã, uma expressão preocupada no olhar, o rosto tenso, ansioso.

– Já percebi que há problemas – disse, subindo os degraus. – Conta lá, vá. E diz-me se é muito grave.

Justine correu para ele, abraçou-o com força e depois, quando se afastaram da porta e entraram, respondeu:

– Muito, muito grave. Mas com um lado bom. *Maravilhoso*.

Fechou a porta, agarrou-o por um braço e conduziu-o pela galeria.

– Vamos ao teu estúdio, quero ler-te uma carta que abri hoje. Mas aviso-te, Richard. Vai ser um choque para ti.